



R E V I S T A V I S U A I S

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNICAMP

Entre universos: os ateliers de Francisco Laranjo

Francisco Miguel Laranjo

Portugal. Doutor em métodos de design e crítica pela University of the Arts London, mestre em Comunicação Visual pelo Royal College of Art. Professor Associado na Central Saint Martins, editor da revista Modes of Criticism, Co-diretor do Shared Institute, Professor na Universidade Lusófona e Diretor do Centro para Outros Mundos.

Entre universos: os ateliers de Francisco Laranjo

Resumo

Com o texto *Entre universos: os ateliers de Francisco Laranjo*, Francisco Miguel Laranjo apresenta-nos um testemunho muito minucioso e envolvente sobre as *atmosferas* e os *espaços* dos ateliers do seu pai. Comprometido que está com um grande trabalho de inventariação em curso sobre o espólio artístico do pai, Francisco Miguel Laranjo apresenta-nos uma descrição muito importante sobre os diferentes ateliers, sugerindo, assim, um retrato muito completo dos quatro ateliers do seu pai, ao longo dos cerca de *cinquenta anos de trabalho*: o primeiro, em Baguim do Monte, o segundo, na Rua Chã (por detrás da Estação de São Bento), o terceiro, na Calçada de Monchique (com vistas sobre o Douro), e o quarto no nº 146 da Rua do Comércio do Porto (depois de uma breve passagem pela Rua Mouzinho da Silveira). O texto descreve os espaços e atmosferas, a propósito do último dos ateliers. Francisco Miguel Laranjo acrescenta que “a percepção de estarmos num lugar mágico é inebriante”, e “sente-se a alma”. A descrição dos espaços e dos objectos é rigorosa e comovente, pois faz resgatar com inteligência e sensibilidade a memória, as memórias, do Francisco Laranjo. Conclui Francisco Miguel Laranjo, dizendo-nos que “os universos que [o pai] juntou durante cinco décadas são [agora] devolvidos ao mundo”, onde “a alma e os seus universos permanecem vivos nos trabalhos espalhados por vários continentes”.

Palavras-chave

Francisco Laranjo, Ateliers, Pintura

Entre universos: los talleres de Francisco Laranjo

Resumen

En su texto "Entre universos: Los talleres de Francisco Laranjo", Francisco Miguel Laranjo nos ofrece un testimonio muy minucioso y envolvente sobre las atmósferas y los espacios de los talleres de su padre. Como parte de un importante proyecto de inventario del legado artístico de su padre, Francisco Miguel Laranjo ofrece una descripción importante de los diferentes talleres, sugiriendo así un retrato completo de los cuatro talleres que utilizó su padre a lo largo de sus casi cincuenta años de trabajo: el primero en Baguim do Monte, el segundo en la calle Chã (detrás de la estación de São Bento), el tercero en la calle Calçada de Monchique (con vistas al río Duero) y el cuarto en el número 146 de la calle del Comercio de Oporto (después de una breve estancia en la calle Mouzinho da Silveira).

El texto describe los espacios y las atmósferas del último de estos talleres. Francisco Miguel Laranjo añade que "la percepción de estar en un lugar mágico es embriagadora" y "se siente el alma". La descripción de los espacios y los objetos es rigurosa y conmovedora, ya que recupera con inteligencia y sensibilidad la memoria, los recuerdos, de Francisco Laranjo. Francisco Miguel Laranjo concluye diciendo que "los universos que [su padre] reunió durante cinco décadas son [ahora] devueltos al mundo", donde "el alma y sus universos permanecen vivos en obras dispersas por varios continentes".

Palabras clave

Francisco Laranjo, Estudios, Pintura

Between Universes: the Ateliers of Francisco Laranjo**Abstract**

In his text "Entre universos: os ateliers de Francisco Laranjo," Francisco Miguel Laranjo offers us a detailed and engaging account of the atmospheres and spaces of his father's studios. As part of a major inventory project of his father's artistic legacy, Francisco Miguel Laranjo provides an important description of the different studios, suggesting a comprehensive portrait of the four studios his father used over his nearly fifty years of work: the first in Baguim do Monte, the second on Rua Chã (behind São Bento Station), the third on Calçada de Monchique (with views of the Douro River), and the fourth at number 146 Rua do Comércio in Porto (after a brief stay on Rua Mouzinho da Silveira).

The text describes the spaces and atmospheres of the last of these ateliers. Francisco Miguel Laranjo adds that "the perception of being in a magical place is intoxicating," and "you can feel the soul." The description of the spaces and objects is rigorous and moving, as it intelligently and sensitively recovers the memory, the memories, of Francisco Laranjo. Francisco Miguel Laranjo concludes by telling us that "the universes that [his father] gathered over five decades are [now] returned to the world," where "the soul and its universes remain alive in works scattered across several continents."

Keywords

Francisco Laranjo, Studios, Painting

Entre universos: os ateliers de Francisco Laranjo

Uma porta majestosa abre-se sob um arco de granito. Com ela, desloca-se um cheiro a óleo, diluente e livros antigos, enquanto alguns plásticos que protegem enormes telas abanam delicadamente. A luz é ligada manualmente no quadro eléctrico, à esquerda, num movimento quase automático. Este ritual, repetido milhares de vezes, produz sempre um efeito cinematográfico. Como por encanto, tudo fica visível à medida que vários pontos de luz começam a piscar e se iluminam de forma sequencial. Por baixo de um pé direito imponente, caixas de cartão amontoam-se à entrada em estantes, aguardando destino ou simplesmente repousando — afinal, é muito provável que já tenham viajado. Em frente, uma passagem exígua seduz o olhar, conduzido por esculturas de elegantes formas em ferro sobre bases em betão, entre cabides com requintados chapéus. Grandes lençóis cobrem amplos volumes que não permitem reconhecer o que escondem, aumentando a curiosidade com uma crescente quantidade de objectos em nosso redor. Nos degraus, cartazes de exposições encaixilhados encostados à parede indicam o caminho para os pisos superiores, anunciados por dezenas de molduras embaladas como se estivessem em trânsito. Pelo chão e em cada degrau, esculturas moldadas pelas mãos pontuam os passos, enquanto obrigam que a escalada tenha necessariamente que ser pausada, de descoberta e mistério.

No piso intermédio, uma grande secretária é ladeada por várias estantes em madeira e metal, com largas dezenas de arquivos onde é desenvolvido o trabalho de arquivo. A colecção de filmes sobre o seu trabalho está acompanhada de toda a bibliografia, publicações de exposições individuais e colectivas, bem assim como recortes de imprensa, entrevistas e o repositório digital de trabalhos das cinco décadas de carreira. Ao lado de um pequeno frigorífico, torres de caixas de charutos perfeitamente equilibradas até ao tecto competem com cores e marcas num ambiente profundamente intrigante e animado. Várias dezenas de pastas contêm ainda arquivos anuais da sua prática artística, onde esboços de pinturas e anotações se misturam com bilhetes, postais, recibos, selos, brochuras, mapas, desdobráveis e um sem fim de documentos trazidos de viagens. Estes permitem uma reconstrução extremamente

detalhada de percursos e estadias, enquanto deixam antever uma paixão não só por coleccionismo, mas especialmente pela possibilidade de reconstituir trajectos e relembrar influências - da sua própria construção. Este rasto material que aqui se começa a adivinhar é um prelúdio para o que se encontra dois lanços de escadas depois, percorridos sempre num sentido cêntrico.

À medida que se vai subindo, a música ecoa com mais clareza, antecipando uma chegada que, lentamente, se transforma num momento de esmagador deslumbramento — exactamente como quando se chega a um templo. Com um tecto de altura sumptuosa, fica-se quase a levitar sobre um antigo soalho que range com os nossos passos, enquanto rodamos sobre nós próprios. A percepção de estarmos num lugar mágico é inebriante, onde o som que sai de duas colunas rodeadas de torres de CDs funciona como a banda sonora de um filme do qual fazemos parte. Sente-se a alma. De um lado, centenas de papéis de jornais protegem o chão, manchados por tinta-da-china e renovados com frequência. Em cavaletes, telas inacabadas esperam nova reflexão. Este é um local em constante mutação: monumentais quadros que são aqui montados e desmontados por não passarem pela limitada entrada, desenhos e aguarelas que secam pousados em mesas onde recipientes de vidro acumulam pigmentos vindos do Oriente, e uma eclética colecção de pincéis de todos os tamanhos envolve e preenche o espaço. Caixas de tinta, pastéis, rolos de papel e tubos de cartão acotovelam-se ao lado de armários de arquivo e blocos de desenho. Um gira-discos divide o espaço ao meio, sufocado por várias centenas de CDs. Do outro lado, uma colossais biblioteca ergue-se até ao tecto e absorve o olhar. São vários milhares de livros acumulados ao longo de seis décadas, uma paixão.

Esta colecção ímpar é o resultado de um fascínio e compromisso compulsivo com o conhecimento da região natal, o Douro, do profundo entendimento da cultura do seu país, Portugal, e da relação artística, cultural e civilizacional da Europa com o resto do mundo. Uma curiosidade ilimitada na procura de interligar disciplinas produzia também crescentes torres de relatórios de licenciatura, teses de mestrado e doutoramento, cuidadosamente empilhadas nos espaços possíveis. Afinal, este processo de aceder à infinitude do conhecimento, para o qual a academia contribui de

forma decisiva, proporciona o acesso a vários universos — dos autores, dos alunos, dos artistas, dos amigos, das pessoas que conhece em viagens por todos os continentes. É aqui que se sente confortável: entre universos.

A biblioteca está semi-organizada de forma temática. No topo descansam colecções menos consultadas, entre enciclopédias e volumes de história de arte, bem como livros de infância. Por trás da secretária onde escrevia, que pertencera ao seu avô materno, encontram-se livros de artistas próximos da sua prática, mas também leituras recentes — estes últimos empilhados em segunda fila. Livros de Robert Rauschenberg, Joan Miró, Antoni Tàpies, Mark Rothko, Joseph Beuys, Max Ernst, Gerhard Richter são acompanhados por várias edições sobre Romantismo e teoria da cultura. Dicionários com vibrantes lombadas competem entre si: coreano, japonês, russo, letão, num desejo contínuo de poder perceber, ler e comunicar em línguas para além das que dominava: inglês, francês, espanhol e alemão. A uma altura mais acessível, livros sobre o Douro concentram-se e observa-se uma organização regional, com particular ênfase na cidade onde nasceu, Lamego. Entender profundamente Portugal é obrigatório para saber viajar, conhecer outros mundos. Arte portuguesa, filosofia e estética, monografias e centenas de volumes de literatura inundam sólidas tábuas de pinho maciço, onde mais de 400 volumes têm dedicatória dos autores. Multiplicam-se os livros sobre teoria da arte, numa constante reflexão sobre o que é pintar e porque é que a pintura é importante... século após século, década após década. Ao centro, percebe-se uma espinha dorsal de livros antigos, dos séculos XVI ao XIX, entre literatura e definições poéticas e cartográficas do que é ser português. Descubrem-se pérolas bibliográficas antiquíssimas em latim, árabe, japonês - resultado de visitas obrigatórias a alfarrabistas em todos os países que visitava. De muitos livros, caem folhas secas, onde recibos, bilhetes de museus ou folhetos marcam páginas. O delicado cuidado oferecido às folhas das árvores colocadas a secar entre páginas, pedras grauvague, fósseis e conchas espalhadas pelo atelier, é testemunho de um fascínio, respeito e procura de entendimento entre o microscópico e o cósmico, entre formas de escrita, das relações com o universo e o universal. Do seu lugar e do seu próprio contributo.

Na sua secretária, resta sempre uma nesga de espaço para o computador ou um bloco de notas, entre uma excessiva quantidade de cartões de visita, recibos, facturas, teses, canetas, marcadores e livros recentes da Verso Books ou Sternberg Press. Em torno desta mesa centenária, colunas de colecções de periódicos e imprensa com momentos marcantes de várias décadas criam uma cúpula do tempo. Três sofás decorados com panejamentos de várias origens geográficas são encabeçados por uma colcha de Castelo Branco, rodeando uma mesa em vidro com charutos, grandes pratos em cerâmica por ele pintados e jarras de refinado detalhe com flores secas, penas de pavão e leques. Plantas em vasos de diferentes dimensões espreitam pela janela. Há objectos espalhados por todo o lado, da biblioteca a estantes que ocupam todo o atelier, esculturas, fotografias, charmosos lenços, pequenos altares e relicários cuidadosamente construídos que condensam lembranças e reconstroem memórias. Por trás do espaço de conversa, um trabalho da icónica série *Simultaneities* — exposta em Londres e que lhe ofereceu ampla notoriedade internacional—repousa sobre um móvel dos anos 70, onde máscaras trazidas de viagens nos transportam no tempo. Inevitavelmente, torres de livros ocupavam a mesa onde reunia com clientes e analisava projectos e maquetas. No centro, encontravam-se sempre flores bem cuidadas.



Figura 1 - Francisco Laranjo no atelier da Rua Comércio do Porto.
Foto de Cláudia Lima, 2020.

Os cinquenta anos de trabalho foram desenvolvidos em quatro ateliers. O primeiro, em Baguim do Monte, era uma ampla casa-atelier com espaço exterior generoso, ocupado logo após concluir os estudos na Escola Superior de Belas Artes do Porto, em 1978. No princípio da década de 80, trabalha num terceiro andar de um estreito prédio na Rua Chã, por trás da Estação de São Bento, no Porto. Não voltaria a abandonar esta área geográfica.



Figura 2 - Atelier da Rua Chã, Foto João Pedro Meneres, 1988.

Deu um salto qualitativo em termos de espaço, mudando-se para a Calçada de Monchique, onde duas grandes janelas se abriam para o rio que o acompanhou a vida toda. O caminho até entrar por uma porta alta de madeira era misterioso, como a cidade que fez sua. Um portão de ferro deixava antever uma calçada sombria com rasgos de sol, onde diariamente pombas esvoaçavam e gaivotas planavam à frente das sete elegantíssimas palmeiras dos jardins do Palácio de Cristal. Aqui, pôde contemplar vezes sem conta a arrebatadora neblina matinal, a bruma que engolia a Ponte da

Arrábida, os poderosos reflexos no pico do dia e pores-do-sol sempre em variação, deslumbrantes, irrepetíveis. Este atelier, bem assim como o seu último, foram indubitavelmente os que mais marcaram a sua identidade. Após uma passagem pela Rua Mouzinho da Silveira, desagua no número 146 da Rua do Comércio do Porto, descrito em detalhe acima. Faltava sempre mais espaço.



Figura 3 - Atelier da Rua Comércio do Porto. Foto Shared Institute.

O enquadramento geográfico e os trajectos até às suas localizações foram importantes na escolha dos ateliers. Apesar das diferentes tipologias e tamanhos, eram semelhantes por dentro. Foram cuidadosamente construídos e reconstruídos, enquanto os seus universos materiais e imateriais se expandiam e eram partilhados. Não podem ser replicados e quando encontravam novo destino, os espaços eram literalmente dessacralizados. A construção de paredes feitas de livros em Mouzinho da Silveira, e a sua sequência, explicam uma lógica de prioridades, mas também de equilíbrio. A sensação que se tem ao entrar no atelier, é que não poderia ser de outra forma: nem mais nem menos. Não era um caos, era uma introspectiva serenidade de estudo e harmonia — mais do que espaços físicos e materiais, os ateliers são “um espaço mental”, como ele próprio disse. Para quem teve o raro privilégio de os visitar,

permanecerá na memória a alegria de partilhar mundos com o mundo, de longas e animadas conversas com uma cuidadosa e eclética selecção musical e um cálice de Vinho do Porto, sempre. Depois da desfragmentação do último atelier — que continha todos os anteriores — os universos que juntou durante cinco décadas são devolvidos ao mundo. A alma e os seus universos permanecem vivos nos trabalhos espalhados por vários continentes. Os ateliers habitam agora dentro deles.



Atelier da Rua Comércio do Porto. Foto Shared Istitute.